

 PAULISTA

BALDE BRANCO

ENTREVISTA
RODRIGO ALVIM
da Comissão de Recrutaria de Leite-Faems

CPPSE
AIN 8507
SEPARATAS

O efeito da adubação de pastagem na produção de leite

Viabilidade da pequena propriedade e inviabilidade do pequeno produtor

Como aumentar a eficiência e rapidez durante a ordenha

Estágios em fazendas do Exterior: como proceder



**QUALIDADE TOTAL:
UMA REFERÊNCIA
PARA SILAGENS**

Tempos atrás, recebi a ligação de uma senhora pertencente a uma instituição governamental que organiza assentamentos. Muito educada, ela quis

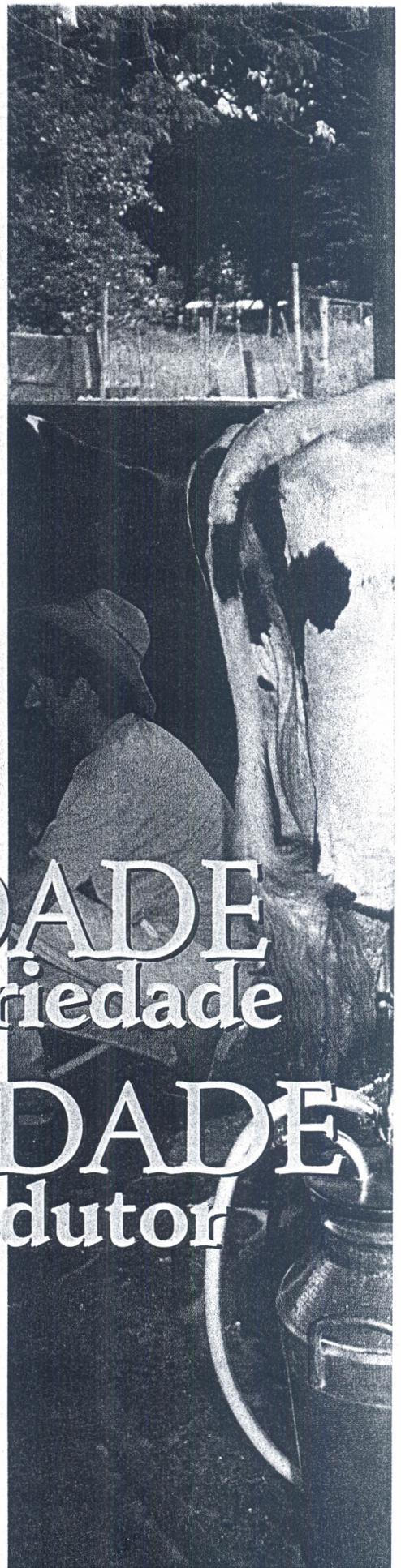
saber da possibilidade de contar com uma palestra minha para os, agora, "com-terra". Disse-lhe que seria um prazer, pois o que mais gosto de fazer é conversar com antigos, atuais ou futuros produtores de leite. Perguntei-lhe se havia algum tema específico, e ela disse-me que não. "Estou querendo que o sr. dê umas dicas sobre leite aos futuros produtores, para que eles possam sobreviver na terra recém-conquistada." Respondi que, se o objetivo da reunião era o de mantê-los sobrevivendo na gleba, não iria. Completei dizendo que somente aceitaria se fosse para mostrar a eles que leite é uma atividade muito rentável.

Imediatamente, fui interrompido por ela, que achou um absurdo o que eu acabara de falar. Afinal, como uma propriedade pequena poderia ser lucrativa a ponto de proporcionar uma melhora no nível de vida do produtor? Para reforçar suas verdades, lançou mão de vários chavões que circulam em nosso meio: o pequeno produtor irá desaparecer; a área é pequena (30 ha), e não possibilita escala de produção; não há dinheiro para financiar o projeto, os recursos são poucos e

tecnologia custa caro; não existe tradição no leite na região e o clima é muito quente; o preço que devem receber pelo litro de leite está girando ao redor de R\$ 0,20; a mão-de-obra disponível é difícil... Comecei, então, a contra-argumentar todos esses obstáculos.

O que é um pequeno produtor de leite? Para classificar alguém, ou alguma coisa, há a necessidade de se estabelecer critérios. Existem vários parâmetros para determinar quem é pequeno, quem é médio e quem é grande produtor de leite: tamanho da propriedade, escala de produção, produtividade (produção/ha/ano), lucratividade (lucro/ha/ano), dinheiro depositado em conta corrente, entre outros. Vejamos alguns exemplos reais. O primeiro: um produtor de leite e frangos em São Carlos-SP, que vive exclusivamente da atividade rural, com uma propriedade de 12,5 ha de área total, sendo 10 ha explorados pela pecuária leiteira. Produz como média diária 600 litros de leite.

Como ele vive exclusivamente de sua propriedade agrícola, pode ser classificado como pequeno se o critério for a extensão da terra. Se o critério for escala de leite, ou seja, o volume de leite produzido e comercializado diariamente, este produtor pode ser classificado como médio em sua região. Mas se for considerada sua produtividade, obtida através da multiplicação de sua produção diária de leite (600 kg), por 365 dias, dividindo o resultado por 10 ha, obtêm-se 21.900 kg/ha/ano, sem considerar o valor da venda de animais

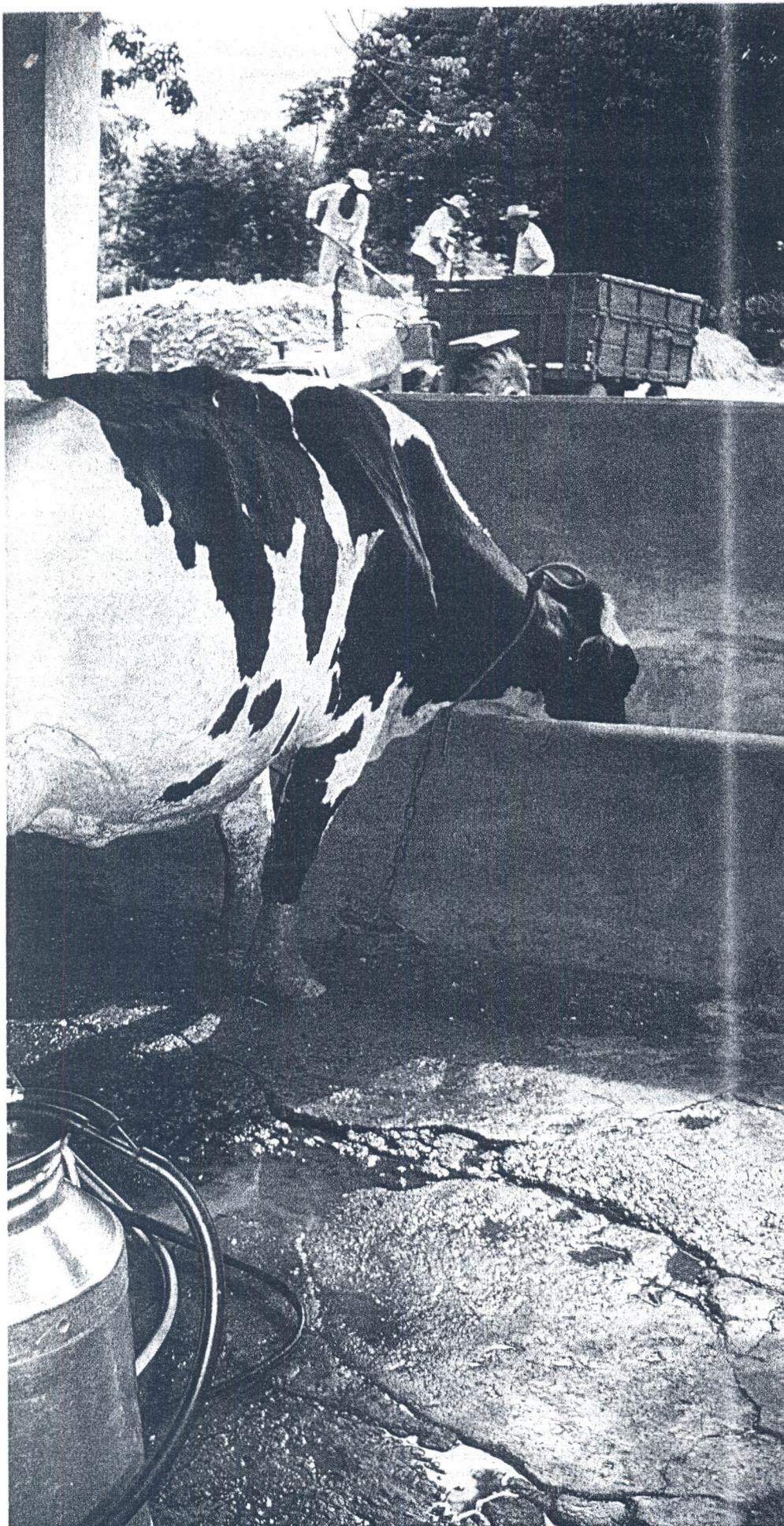


A VIABILIDADE
da pequena propriedade

A INVIABILIDADE
do pequeno produtor

Pouco importa o tamanho da propriedade, do rebanho ou o volume de leite produzido. Atualmente, ser grande ou pequeno produtor depende de conhecimentos e da disposição para mudar. São fatores que selecionam e viabilizam a atividade.

ARTHUR CHINELATO DE CAMARGO



O tamanho de um produtor depende de sua disposição para mudar, vontade de crescer e de progredir.

como equivalente-leite. Comparado com a produtividade brasileira (algo em torno de 1.000 kg/ha/ano), e de várias outras partes do mundo, inclusive com a da Nova Zelândia (15.000 kg/ha/ano) – considerada como exímia exploradora dos recursos da terra –, constata-se que tal produtor pode ser classificado como grande.

Por outro lado, analisando sua renda, ele revelou que somente com o leite, sem considerar a venda de animais, estava tirando limpo algo em torno de R\$ 1.000 a 1.500/mês, vendendo o leite entre R\$ 0,26 a 0,30/litro. Tomando o primeiro valor e multiplicando-o por 12 meses, obteremos um lucro anual de R\$ 12.000, o que equivale a R\$ 1.200/ha/ano. Ou seja, outra referência de que ele pode ser classificado como grande produtor, se o critério for lucro/ha. Muitos poderão desdenhar de tais informações, afirmando que vendendo leite a este preço qualquer um consegue ter lucro com o leite. Não é bem assim. Existem muitas fazendas que vendem leite por preços até maiores que este e não estão conseguindo sair do "vermelho" no final do mês. O custo de produção de leite deste produtor gira em torno de R\$ 0,22/litro de leite. Isto significa que se ele tivesse que vender leite a R\$ 0,19 ou 0,20/litro ele também estaria no prejuízo. Esta afirmativa está correta. E agora? O que fazer?

O problema é que muitos devem estar considerando este produtor como sendo o supra-sumo da eficiência. E não é. Ele está em processo de evolução, restando muitos redutos de ineficiência a serem vencidos. Como exemplos: se ele passasse a utilizar pastagens para alimentar seu rebanho no período das águas, haveria um ganho duplo: nutricional e operacional. Nutricional porque a pastagem tem uma qualidade superior à cana-de-açúcar, na época das águas. No verão, a cana inicia a rebrota, acelerando o processo vegetativo, consumindo energia e reduzindo sua qualidade para a alimentação animal. Além disso, cortar o "trato" na época das águas é um verdadeiro calvário. Quem corta o "verde" o ano inteiro para fornecer no cocho, sabe bem a que estou me referindo. É trator atolado; é vaca com barro até na ponta das orelhas; é menor consumo devido ao desconforto; é menor desempenho da mão-de-obra na execução do serviço; é cocho para limpar; é esterco para puxar...

PEQUENAS PROPRIEDADES DEVEM EXPLORAR AO MÁXIMO FORRAGEIRAS E ÁREAS DISPONÍVEIS

Mas onde ele implantaria essas pastagens, se sua área é tão pequena, de apenas 10 ha? A resposta é simples: con-

centrando a produção de cana na metade da área e aumentando a produtividade da mesma. Ao mesmo tempo, liberando a outra metade para a implantação de pastos, melhorando, assim, a qualidade da alimentação no período das águas e reduzindo o custo com mão-de-obra. Por ser pequena, uma propriedade deve explorar ao máximo suas áreas disponíveis e o potencial das plantas forrageiras.

Considerando as produções de 18 t de matéria seca (MS)/ha oriunda do milho para ensilagem, 30 t MS/ha na cana-de-açúcar e 40 a 60 t MS/ha em pastagens de capins tobiatã e elefante, respectivamente, com índices de aproveitamento nessas pastagens de 60%, o que representaria um consumo de 24 a 36 t MS/ha, respectivamente para os capins mencionados. Considerando que o capital a ser investido em maquinários e implementos agrícolas para a confecção de silagem de milho representaria um desembolso impensável para a maioria dos produtores de leite, a melhor opção seria mesmo utilizar pastagens no período das águas e cana no período das secas e, não, confinar o rebanho como muitos acreditam ser a solução das pequenas propriedades para aumentar sua renda. Considerando uma produção média de 30 t de

MS/ha entre forrageiras de época das águas e de época da seca, sendo consumida integralmente e dividindo este valor por 365 dias, teríamos disponíveis 82 kg de MS/ha/dia. Considerando um consumo médio de volumoso de 10 kg de MS por vaca (peso vivo médio de 550 kg), e que deste total de forragem disponível diariamente, 25% serão consumidos pelos animais em crescimento.

Assumindo eficiência zootécnica de 85% de vacas em lactação, teremos: 82 kg de MS/ha/dia x 75% = 61,5 kg de MS/ha/dia disponível para as vacas x 85% de vacas em lactação = 52,3 kg de MS/ha/dia disponível para as vacas em lactação ÷ consumo de 10 kg de MS/vaca em lactação por dia = 5,2 vacas em lactação/ha/dia x

22 kg de leite (média atual do produtor) = 114,4 kg/ha/dia x 365 dias = 41.700 kg/ha/ano, ou seja, uma produção média diária de aproximadamente, 1.150 kg de leite contra a média diária atual de 600 kg. Mas passem, este ainda não é o potencial máximo da propriedade. E qual seria? Não sei. O nosso conhecimento sobre como melhor explorar nossas plantas forrageiras tropicais está em evolução e a cada dia surgem dados que assustam pela magnitude e ao mesmo tempo descortinam um futuro promissor para a nossa pecuária leiteira.

Como exemplos, pode-se apontar os trabalhos realizados nos últimos 35 anos

diariamente não precisam ter sua dieta complementada com o aporte de alimento concentrado.

Em Governador Valadares-MG, o engº agrônomo Carlos Brasileiro, do Leite Glória, vem utilizando a irrigação tanto para cana-de-açúcar como para pastagens, e tem obtido como média 250 t de cana-planta/ha. Nas pastagens, a irrigação, além de aumentar a produtividade, propicia a incorporação de mais três a quatro meses aos tradicionais cinco meses de uso de pastagens (período regular de chuvas), reduzindo o custo de produção do leite. Irrigando pastagens bem manejadas e adubadas a

partir de meados de agosto, podem-se utilizá-las a partir da segunda quinzena de setembro e daí até o final de abril ou meados de maio, dependendo da região. Além do efeito de antecipar o início do uso das pastagens e o de prorrogar seu fim, a função mais importante da irrigação talvez seja eliminar o risco de veranicos.

E por fim, produtores em diversas regiões do país têm obtido produções diárias de 35, 40 e até 45 kg de leite por vaca alimentando-as com cana-de-açúcar, como alimento volumoso exclusivo, e utilizando no balanceamento da dieta alimento concentrado, na proporção de 1 kg de concentrado para 2,5 a 3,0 kg de leite. Se esses conceitos de produção de leite

forem adotados por essa pequena propriedade de São Carlos-SP, certamente o limite será bem maior que os possíveis 1.150 kg de leite diários. Não me atrevo a prevê-lo. Afinal, o que este sujeito desta propriedade do interior paulista é: pequeno (área), médio (escala de produção), ou grande (produtividade e/ou lucratividade)? Depende do critério que se adotar.

PRODUTORES SE CLASSIFICAM PELA DISPOSIÇÃO DE MUDAR, DE PROGREDIR, DE CRESCER

Quando escrevi no título que a pequena propriedade leiteira é viável, mas o pequeno produtor de leite não, o que omiti propositalmente foi o critério que utilizo



Utilizar pastagens nas águas oferece ganhos nutricionais e operacionais.

na Esalq/USP, em Piracicaba-SP, pela equipe dos professores Moacyr Corsi e Vidal Pedroso de Faria, onde pastagens de capim-elefante têm suportado lotação média de 15 UA/ha (1 unidade animal = 450 kg de peso vivo); a Embrapa/Pecuária do Sudeste, em São Carlos-SP, que tem explorado vacas leiteiras com média do rebanho entre 22 e 23 kg de leite/vaca/dia em pastagens de capins do gênero Panicum (tobiatã, tanzânia e mombaça), com lotação média de 12 UA/ha. Esta mesma unidade de pesquisa tem obtido com gado de corte lotações acima de 9 UA/ha em capim coast-cross ao longo do período das águas. A Embrapa/Gado de Leite, de Coronel Pacheco-MG, por sua vez, já demonstrou que vacas produzindo até 13 kg de leite

para classificá-los. Pouco me importa o tamanho da propriedade, a quantidade de leite produzida atualmente, sua produtividade, a média de suas vacas, o volume de dinheiro em conta corrente, ou até mesmo se têm uma conta corrente. O critério que utilizo para classificar os produtores é a disposição para mudar, é a vontade de crescer, de progredir. Nesta classificação só existem pequenos e grandes produtores e em dez minutos de conversa com qualquer produtor descobre-se em que categoria ele se encaixa. Para explicar melhor, acompanhe os dois exemplos abaixo.

No final de uma reunião realizada no município de Orizona-GO, em meados de 1995, um senhor se aproximou de mim e disse que possuía 14 ha, onde criava de 10 a 12 vacas no total, que sua produção diária era de 30 a 40 kg de leite, com média que não ultrapassava 4 kg/vaca/dia, que tirava esse leite na mão, uma vez por dia, que seu leite não era resfriado, que sua mão-de-obra era familiar e que não tinha dinheiro para investir, mas que, depois da reunião que acabara de participar, ele tinha ficado entusiasmado e queria crescer. Primeiramente, disse ao sr. Valdivino (mais conhecido como Divino), que minha intenção nesses encontros é resgatar a esperança (não ilusão), e a confiança em si mesmo, de que é possível uma pessoa como ele vencer, mas que o caminho para o sucesso exigiria um trabalho árduo e perseverante e que nada em pecuária leiteira se dá a curto espaço de tempo. Respon-

Contar com um bom técnico pode ajudar o produtor a definir seu projeto de exploração.



O uso de concentrados deve ser feito a partir da produção individual de cada vaca.

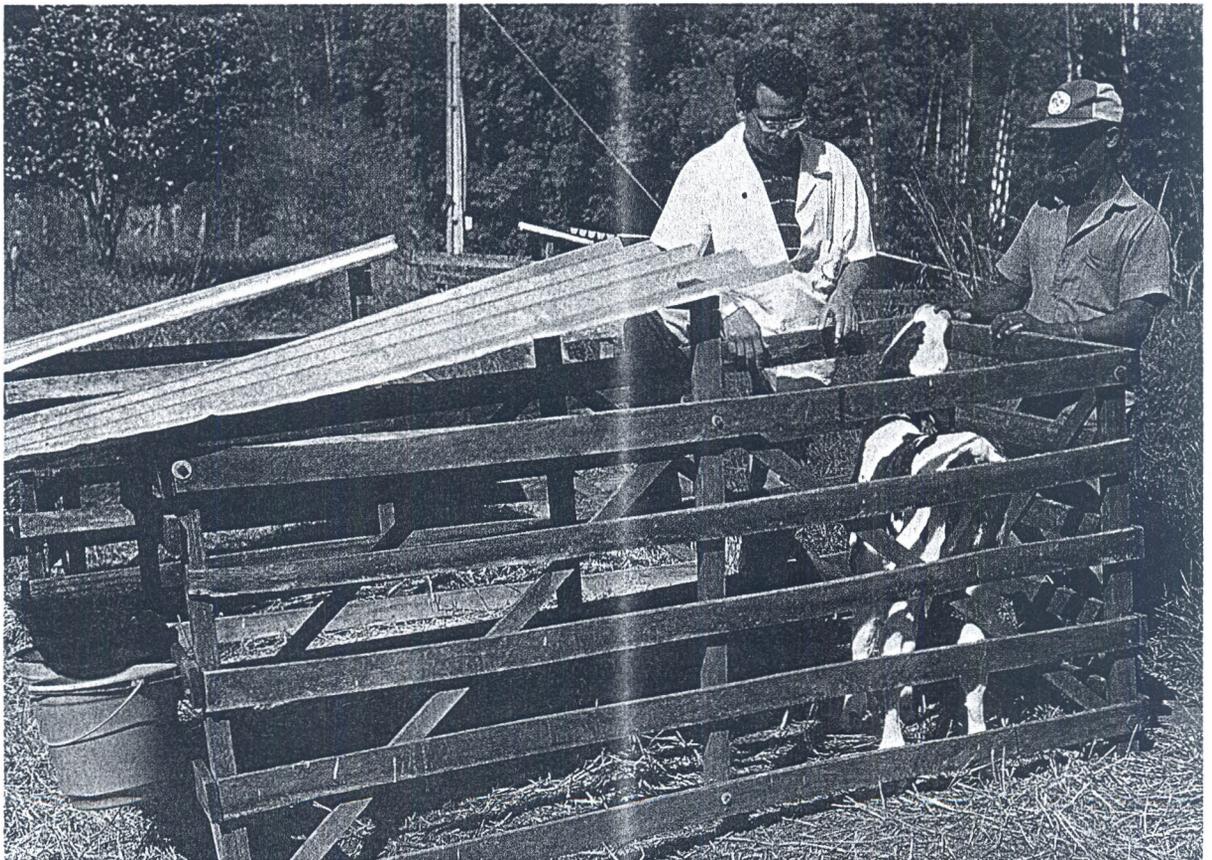
com a cabeça enlaçada. O exemplo típico de lavar "cabeça de porco" nas fazendas leiteiras é o fornecimento para o gado da capineira de capim-elefante (napier, cameron, roxo), picado com mais de 60 a 70 dias de idade após o último corte. Garantiu-me que não iria mais lavar "cabeça de porco". Para iniciar o processo de intensificação, disse que deveria ir visitar outras propriedades para verificar se o que eu ha-

via dito era verdade ou não.

Esse é o primeiro passo para se tornar um profissional da atividade leiteira. Duvide, questione tudo o que você ouvir, ler ou ver pela televisão e vá conferir. O segundo passo é contar com o apoio de um bom técnico. Retornando ao caso do Divino, chamei o Zé Geraldo, que também estava na reunião. Ele é veterinário da Emater local. Disse: "O Divino está querendo crescer. Ajude-o e conte comigo para os problemas que irão enfrentar". Vi-rei-me para o Divino e falei: "Siga as ori-

deu-me que o trabalho não o assustava, mas queria ter certeza de que chegaria a uma situação melhor.

Só que muita gente também trabalha nas fazendas leiteiras do país, mas trabalha errado, trabalha como se estivesse lavando "cabeça de porco" – você prende o porco, lava sua cabeça e o devolve ao chiqueiro; ele se chafurda na lama e você pega o porco novamente, lava sua cabeça e o devolve ao chiqueiro outra vez. Ao final do dia, você está cansado, sujo e não produziu nada porque o porco continua



entações e seja franco ao mostrar-lhe sua situação financeira". Perguntou-me: "Mesmo que não tenha nenhum dinheiro e não queira recorrer a financiamentos bancários, tenho condição de crescer?". Respondi: "E as vacas? Se você vender 1, 2 ou 3 vacas, você irá gerar recursos que, se bem aplicados, desencadearão o processo de intensificação".

PRODUTORES DESAPARECERÃO, NÃO POR SEREM PEQUENOS, MAS POR FALTA DE CONHECIMENTOS

Dito e feito. Hoje, início de 1998, quase três anos depois do primeiro contato, o Divino está produzindo algo em torno de 150 kg/dia de leite sem ter comprado uma só vaca, sua média subiu para 10 a 11 kg/

Numa outra situação, recebi no início de 1997 o telefonema de um amigo que trabalha numa indústria de laticínios, perguntando-me se eu conhecia uma tal fazenda na região de São Carlos-SP. Disse-lhe que não, mas que já tinha ouvido falar. Ele explicou a situação: a fazenda está localizada no centro do Estado de São Paulo, tem uma área superior a 1.000 ha, produz ao redor de 4.000 kg de leite diários, com média das vacas em lactação superior a 25 kg de leite/vaca/dia, em três ordenhas. Disse que recurso financeiro não era o problema, mas os proprietários estavam pensando em desistir da atividade leiteira. "Por quê?", interrompi meu amigo, e ele continuou explicando:

"A fazenda vendia o leite a um laticínio da região ao preço de R\$ 0,43/litro,

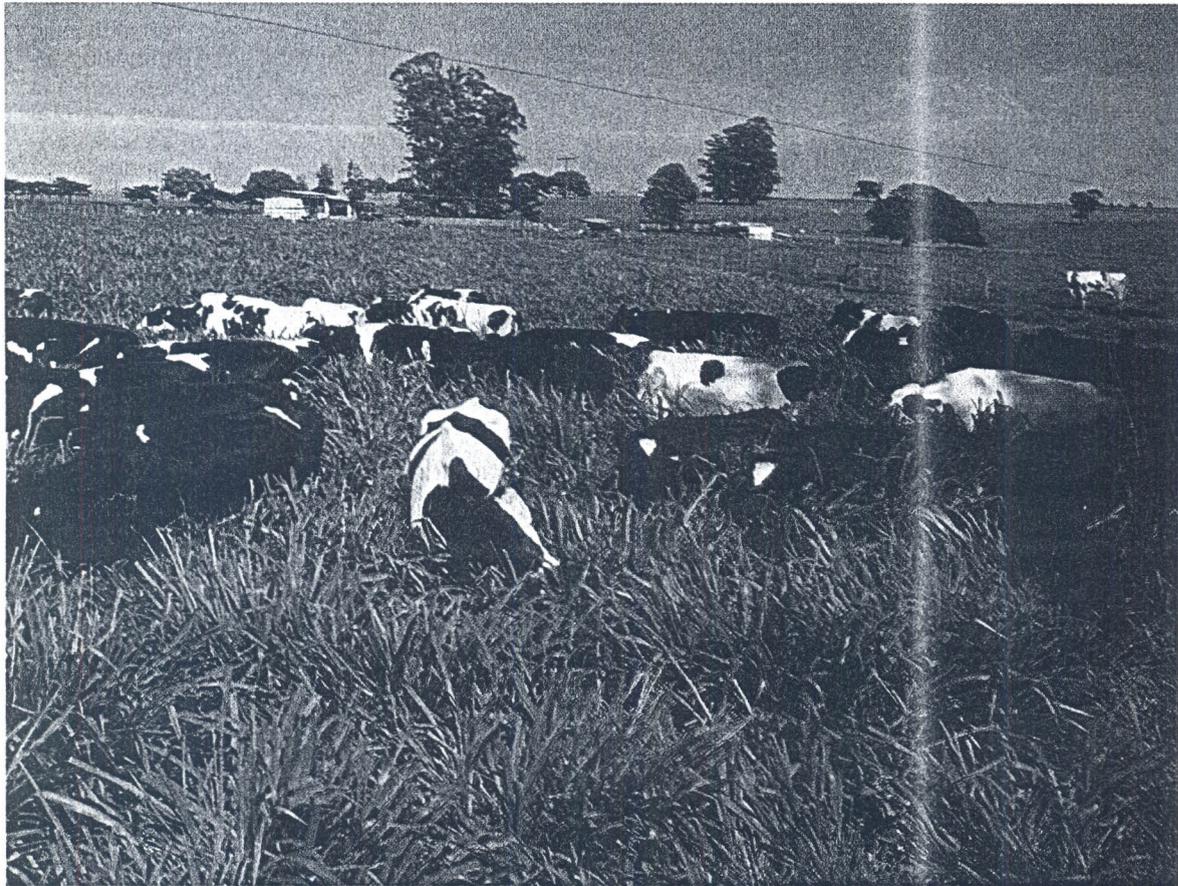
fazenda não estava no preço do leite, mas sim no custo extremamente elevado por litro de leite.

Telefonou-me e pediu que fizesse uma visita à propriedade num sábado qualquer. Dia marcado, eu e um outro técnico fomos até a propriedade e constatamos uma infinidade de erros, ao mesmo tempo que notamos um potencial enorme para produzir muito mais leite, num custo muito inferior ao atual. A proposta feita foi a de criar todo o rebanho em regime de pastagens (já formadas inclusive, mas sem uso), na época das águas e na época das secas fornecer silagem de milho apenas para o grupo de vacas em início de lactação. O restante do rebanho seria alimentado com cana e/ou silagem de gramíneas forrageiras, havendo em

ambas as épocas complementação da dieta com alimento concentrado de acordo com a produção de leite e categoria animal. Os representantes da fazenda riram e nos disseram que isso seria impossível, pois o gado deles era muito fino para comer pasto, cana ou silagem de capim.

Concordamos com eles em relação à postura – duvidaram de nossa afirmação, mas discordamos de seus comentários. Intimei-os a visitar outras propriedades. Pegamos o carro e fomos visitar a unidade da Embrapa, em São Carlos-SP, onde vacas de produção elevada com média semelhante à da fazenda (22 a 23 kg de leite/vaca/dia, em duas ordenhas), são criadas na época das águas em regime de pastagens de gramíneas tropicais, sendo este o único volume-

so, havendo ainda complementação da dieta com o uso de alimento concentrado de acordo com a produção de leite. Ficaram perplexos. Convoquei-os a entrarem novamente no carro, para visitar a citada fazenda que destina 10 ha para produção de leite. Lá, viram que a dieta de todo o rebanho ao longo do ano é composta de cana-de-açúcar como volume exclusivo, complementada com alimento concentrado, o que gera média em duas ordenhas igual à da Embrapa. Os representantes da fazenda ficaram ainda mais surpresos, mas alegaram que aqueles resultados só eram possíveis porque o reba-



O sistema de exploração adotado na Embrapa-São Carlos é referência do potencial de plantas forrageiras.

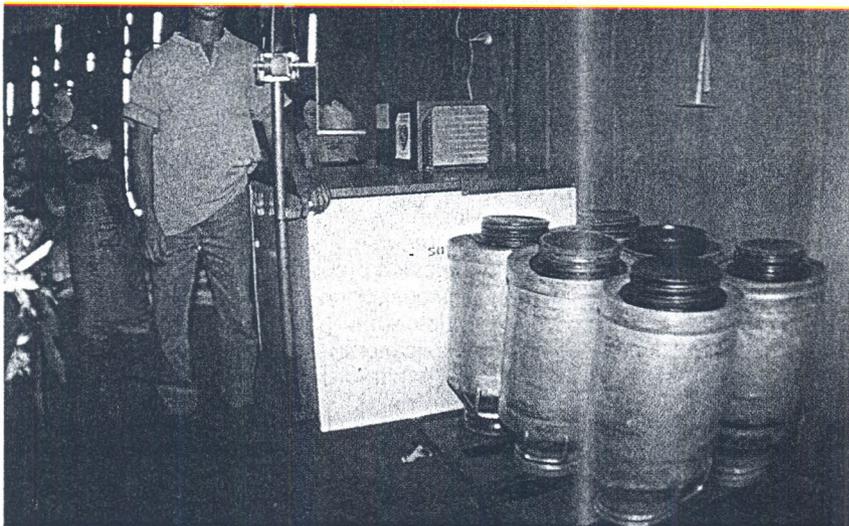
vaca/dia e sua meta é chegar a mais de 500 litros a médio prazo. Como foi este milagre, não vou dizer. Duvidem do que estão lendo e vão conferir. Como colher de chá, vou fornecer o telefone da Emater, onde se pode conversar com o Zé Geraldo (062 - 474.1312) e agendar visitas. O Divino, apesar de sua pequena propriedade, de sua produção inicial reduzida, de sua produtividade baixa e da sua falta de recursos financeiros, mas com uma vontade enorme de vencer, classifico-o, segundo meus critérios, como grande produtor de leite, que permanecerá com sucesso na atividade.

mas o contrato encerrou-se no final do ano de 96. Foram tentar renová-lo nas mesmas bases, e o laticínio alegou que pagaria no máximo R\$ 0,35 por litro. Indignados, os representantes da fazenda disseram que a este preço não seria possível, pois seu custo de produção era de R\$ 0,41/litro. O laticínio firmou posição no preço a que estava disposto a pagar e não voltou atrás", disse. A partir daí, os representantes da fazenda contataram outros compradores e num deles encontraram este meu amigo, que lhes disse que nenhum laticínio bancaria preço maior que o já ofertado e que o problema da

facil de se fazer. Segurei-me para não perder a paciência.

Interessante que muitos produtores que visitam as propriedades dos outros vão munidos do "espírito caçador", tentando encontrar o mistério, a fórmula mágica ou o segredo inconfessável que faz daquela fazenda um sucesso. Mas daí dizer que o uso de cana só dá certo porque a fazenda era pequena, já é demais... Disse-lhes: "Se o problema é esse, vendam parte da propriedade e do rebanho". É comum ouvir o conceito errado de que as pequenas propriedades irão sucumbir por serem pequenas, por terem pouco volume de leite, baixa produtividade e falta de recursos. Acredito, infelizmente, que muitas dessas propriedades irão desaparecer, não pelas características citadas, mas, sim, por falta de conhecimento de produtores, técnicos e pesquisadores, que não sabem nem por onde começar a reverter o processo.

Para confrontar a afirmativa que só rebanhos pequenos podem alimentar suas vacas com cana-de-açúcar, mandei-os entrar de novo no carro e 20 minutos depois estávamos em outra fazenda, cuja produção diária era de 2.500 kg de leite (hoje já ultrapassa 3.500 kg), onde todo o rebanho é mantido a pasto na época das águas e, durante a estação seca do ano, três dos quatro lotes em lactação, mais as vacas secas e os animais em crescimento recebem cana como volumoso exclusivo, num total de quase 300 animais. Perguntei: "E agora, qual é a desculpa para vocês não alterarem seu sistema ineficiente de produção?" Não responderam nada. Ficaram entusiasmados com o horizonte que se abriu. Fizemos



um cronograma de ação com redução imediata dos custos a ponto de equilibrar as contas a curto prazo. E num planejamento a médio e longo prazos, trabalharíamos no sentido de obter custos ao redor da metade do atual. Levaram a proposta ao comando da fazenda e quinze dias depois veio a resposta: "Decidimos vender todo o rebanho".

Questionei-os o porquê desta decisão e disseram que o comando da fazenda achou as propostas inviáveis. Pedi o telefone do responsável pela decisão e, ao conversar com ele, expliquei que ele estava certo em questionar as informações recebidas, mas deveria fazer o mesmo roteiro de visitas que seus representantes fizeram, para constatar a veracidade das informações. Disse-me que não iria perder tempo e que a decisão de liquidar o plantel já estava tomada. Dito e feito. O rebanho e os implementos agrícolas foram vendidos em meados de 97. Este empresário possuidor de uma fazenda com mais de 1.000 ha no centro do Estado de São Paulo, com produção diária por volta de 4.000 kg de leite, criando vacas de produção elevada e sem problemas de recursos financeiros, no entanto, achando que tudo o que ele já fez pela fazenda foi

ajuda a manter o péssimo para os pequenos produtores.

o melhor e ninguém conhece pecuária leiteira mais do que ele e seus técnicos, pode ser classificado como pequeno produtor, que está com os dias contados.

A contribuição que posso dar para atenuar o quadro sombrio que aí está é levar esta mensagem de esperança (não de ilusão), ao maior número de pessoas possível. Mostrar que há saídas, mas que os caminhos são penosos, e o trabalho é árduo. Esforço-me para que

mais e mais produtores descubram que suas propriedades são verdadeiras pedras preciosas. Elas estão numa forma bruta e precisarão de muito conhecimento (conte com o apoio de bons técnicos), suor, dedicação, paciência, amor e carinho para lapidá-las. Para finalizar, transcrevo o seguinte pensamento, muito pertinente ao mundo atual.

PENSE

Toda manhã, na África, uma gazela se levanta.
Ela sabe que terá que correr mais rápido que o mais rápido dos leões, ou será morta.

Toda manhã, na África, um leão se levanta.

Ele sabe que terá que correr mais rápido que a mais lenta das gazelas, ou morrerá de fome.

Não me importa se você é o leão ou a gazela.

Quando acordar, trate de sair correndo.

Artur Chinelato de Camargo é engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa-Pecuária Sudeste, de São Carlos-SP.

PILON

VIALAC

SISTEMA
P D I

A DIETA EM EQUILÍBRIO.

Maior produtividade, melhores índices de reprodução. O melhor custo/benefício para o seu gado leiteiro.

 **SOCIL**
GUYOMARCH